



GALERIA
OUTRORA



Marcelo Maia
Fotografia

Abolição da escravidão nos EUA: Análise de charges publicadas antes e durante a Guerra de Secessão¹

○ — ■ — ■ — ○
Abolition of slavery in the USA: Analysis of cartoons published before and during the Civil War

Anelise Martins de Barros

Bruna Silveira Bonfeld de Oliveira

Suelen dos Anjos Amancio

¹ Originalmente este artigo foi desenvolvido para a disciplina de América III sob a orientação da professora Barbara Mitchell. A ela direcionamos nossos mais sinceros agradecimentos pela possibilidade de desenvolver tais reflexões.

Resumo: O objetivo deste artigo constitui correlacionar o fim da escravidão nos Estados Unidos, em 1863, com o ingresso massivo de escravos fugidos para o Exército do Norte, ou da União, durante a Guerra de Secessão e como essa busca pela liberdade foi crescendo de forma exponencial. Para a elaboração dessa análise sobre o período, charges publicadas nos anos de 1850 e 1861 em jornais norte-americanos foram selecionadas e examinadas de acordo com a metodologia elaborada pela historiadora brasileira Sandra Pesavento. Com essa metodologia, para além dos elementos explícitos na imagem, buscou-se refletir como essas ilustrações eram moldadas e, ao mesmo tempo, construíam uma opinião política do público leitor sobre o assunto.

Palavras-chave:

Abolição, Guerra de Secessão, Escravidão

Abstract: The purpose of this article was to correlate the end of slavery in the United States in 1863 with the massive entry of escaped slaves to the Northern Army or Union Army during the Civil War and how this quest for freedom grew exponential form. For the elaboration of this analysis on the period, cartoons published in the years 1850 and 1861 in North American newspapers were selected and examined according to the methodology elaborated by the Brazilian historian Sandra Pesavento. With this methodology, in addition to the explicit elements in the image, it was sought to reflect how these illustrations were shaped and, at the same time, constructed a political opinion of the reading public on the subject.

Keywords:

Abolition, Civil War, Slavery

Introdução

Durante o governo de Thomas Jefferson (1801 a 1808), houve um grande movimento de expansão territorial dos Estados Unidos da América. Este fator afetou as discussões em torno da abolição da escravidão, ao invés de seguir uma trajetória de extinção, conforme era o previsto pelos estados livres que defendiam uma abolição gradativa, a aquisição de novas terras à oeste significou o aumento da (na) instituição da escravidão. A expansão foi conflitante para os interesses dos que viviam ao Norte e ao Sul e isso conferiu a política um caráter de disputa seccional.

A política norte-americana se baseava em um equilíbrio de acordos entre os estados livres e os escravistas. Com base no aumento das tensões relacionadas ao debate sobre a escravidão, as decisões políticas passaram a ocorrer de acordo com a representatividade dos Estados no Congresso. A autonomia regional, até então concedida aos Estados do Sul e o intenso uso de mão-de-obra escravizada, não apontavam no horizonte um movimento que fosse culminar no fim da escravidão.

Com a expansão norte-americana e aquisição do território do Missouri, as tensões entre Norte e Sul dos Estados Unidos se agravaram e assim surgiu a Crise do Missouri (1819–1821). No ano de 1820, chegou-se a uma conclusão e foi criado o Compromisso do Missouri, o qual determinava essa região como um espaço onde a escravidão seria permitida. No entanto, com uma ressalva, a imposição da liberdade a todos os indivíduos nos Estados comprados a França a partir daquele momento e que estivessem acima da latitude 36°30'.

A expansão para a região da Califórnia e a febre do ouro agravou as tensões entre o Sul escravista e o Norte livre. Com base nessa nova questão surgiu o Compromisso de 1850, que substituiu o Compromisso de Missouri na medida em que priorizava as concepções de autodeterminação e soberania popular para determinar se um estado era livre ou escravista. A partir desse Compromisso, temos a Introdução da *Lei dos Escravos Fugitivos*:

A nova lei permitia aos senhores do Sul ir ao Norte para “recuperar” seus escravos fugidos. Na execução desta tarefa teriam a proteção de Comissários Federais conduzindo investigações e autorizando o retorno dos fugitivos capturados. Os escravos capturados perderam o direito ao habeas corpus e a qualquer forma de apelação.²

A Lei feriu a autonomia dos estados do Norte, de ser um refúgio para os escravizados, assim como gerou um clima de medo e desconfiança em relação aos estados do Sul, intensificando o “Poder da Escravidão”.

Entre abril de 1861 e abril de 1865, a partir da eclosão da Guerra de Secessão e da separação do Sul dos Estados Unidos, surge um novo país na América do Norte: os Estados Confederados da América. Nesse artigo buscamos resgatar as discussões presentes no período anterior a Guerra de Secessão e durante o conflito entre Norte livre e o Sul escravista, com isso trazendo a importância desse período para a formação da unidade nacional norte-americana. As divergências entre ambos os lados incluíam não só o desenvolvimento econômico das duas regiões, como também os valores e princípios que caracterizavam cada uma.

2 IZECKSOHN, Vitor. *Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão*. Rio de Janeiro: Topoi [online], 2003, p. 65.

Vitor Izecksohn aponta que a separação entre Norte e Sul foi fundamental para a construção do estado nacional norte-americano, principalmente porque a luta entre ambas as regiões pelo controle do estado precedeu o início das hostilidades. Ao longo da introdução destacamos algumas questões anteriores a Guerra civil, para exemplificação. Será realizado de acordo com o recorte estabelecido — charges dos anos 50 e 60 do século XIX —, as quais trazem a centralidade do fim da escravidão em meio a essa disputa.

Pensando nesse contexto (pré) Guerra de Secessão, o trabalho foi dividido em três partes: primeiro trouxemos o cenário histórico em que as charges foram produzidas, na sequência, uma breve discussão metodológica sobre o uso de imagens como fontes históricas e por fim a análise das charges, onde as tensões debatidas foram trabalhadas por intermédio da metodologia elaborada pela historiadora Sandra Pesavento, a qual propõe que a imagem, tal qual os documentos, seria uma narrativa sobre o mundo.

A Guerra de Secessão e a questão da escravidão

Seymour Drescher³ no texto *A sociedade civil e os caminhos para a abolição*, fala sobre a importância do cristianismo e de um “*Grande despertar*” do protestantismo — a crença protestante que valorizava a capacidade individual somada a responsabilidade moral de refazer a sociedade. Essa visão protestante contribuiu com a formulação da crença onde a escravidão era vista como um erro, o que levou ao surgimento dos abolicionistas mais radicais. Tal elemento mostra como na sociedade norte-americana se fazia presente um sentimento de repúdio a escravidão em alguns nichos religiosos.

A Guerra de Secessão trouxe um cenário novo e favorável pela primeira vez para os negros escravizados. Ira Berlin descreve a geração de negros desse período como a “geração da liberdade” devido às mudanças conquistadas no decorrer do conflito que os favoreciam, inicialmente pequenas mudanças, posteriormente a abolição. Até chegar a emancipação o caminho foi longo e árduo, com repressões por parte dos proprietários fundiários do Sul, na medida em que esses indivíduos iam ganhando suas batalhas, inspirados nos “Republicanos Negros” e na figura de Abraham Lincoln.

Apesar de o discurso oficial ser a Guerra era uma luta pela União Nacional e não pelo fim da escravidão, os negros aos poucos resignificaram a guerra pela União, em uma luta pela liberdade. Entretanto, os escravizados sabiam que a libertação não era o fim, mas sim o início da busca por cidadania. “Um novo mundo surgia, e com ele, possibilidades até então inimagináveis”⁴

Essas diversas experiências de gerações de negros livres e escravos formaram a aspiração das gerações da liberdade a se tornar, nas palavras de um antigo escravo, “um Povo”. As origens desse novo povo eram tanto um produto de séculos de cativo quanto do momento de emancipação, já que antigos escravos se inspiravam em sua experiência da escravidão para criar sua nova vida em liberdade.⁵

3 DRESCHER, Seymond. *A sociedade civil e os caminhos para a abolição*. São Paulo: História (São Paulo) v. 34, n.2, p. 29-57, jul./dez. 2015.

4 BERLIM, Ira. “Gerações de Liberdade” in: *Gerações de Cativo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p. 293.

5 BERLIM, op.cit., p. 294.

A adesão dos negros nortistas foi imediata, enquanto a dos sulistas foi mais lenta e gradual, pois eles tinham o receio de se unirem à causa, principalmente devido às repressões mais duras por parte dos seus senhores. Para além da adesão dos escravizados à guerra, fatores como a eleição de Lincoln, a discussão pública em torno da secessão sulista e a mobilização da Confederação, levaram o conflito a termos mais intensos.

Entre 1861 e 1862, a pressão do Exército da União foi aumentando em torno das propriedades do Sul, com conseqüente deterioração delas. Com isso, os escravos começaram a aderir à causa do Norte de forma massiva, se inserindo no Exército. Sua entrada era pautada por uma troca de favores entre as partes: o Exército oferecia a segurança do acampamento, enquanto os escravos retribuía com seu conhecimento sobre o local e trabalhos dos tipos mais pesados.

Quando ocorria a recaptura de um escravo fugitivo que teria ajudado à União, ele era levado de volta à propriedade e retornava à condição de escravizado. Mediante esta situação alguns soldados federalistas do Norte transformavam-se em abolicionistas práticos, por ideologia, interesse ou pelos dois⁶. Desse modo esse processo se ampliou e ganhou mais força quando esses indivíduos em fuga foram trabalhar nas fortificações confederadas e aderiram à causa, pois, os federalistas não viam sentido em abrir mão dos negros que somavam as suas fileiras.

Os escravizados fugitivos que chegavam cada vez em maior número nos “acampamentos de contrabando” recebiam a garantia que seriam bem tratados, o que incluía a ausência de punição física, o recebimento de salários e o direito a exercer seu culto livremente. Conforme puderam aos poucos perceber, estas mudanças representavam condições melhores de vida, mas ainda seria preciso se apropriar da liberdade, lutando por direitos iguais, direitos de cidadania, que o homem branco, acostumado à sua posição dita “superior”, não queria ceder.

O *Segundo ato de confisco* e o *Ato de milícia* autorizaram o Presidente a alugar o serviço de afro-descendentes, mediante pagamento e a garantia da liberdade aos escravos e suas famílias. Somente a partir desse momento que Lincoln anuncia sua intenção de promover a emancipação geral dos escravos. Em 22 de setembro de 1862 foi oficialmente divulgada a decisão de Lincoln pela liberdade dos escravizados e a promessa que em primeiro de janeiro do ano seguinte, mesmo os escravos ainda localizados nos estados em rebelião seriam livres.

As charges enquanto fontes históricas

A autora Lilia Schwarcz em “Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais”, apesar de não tratar especificamente de charges, mas imagens de modo geral, aponta que por muito tempo as imagens foram entendidas apenas enquanto ilustrações e não eram vistas enquanto objeto central de pesquisas. No entanto, para a autora, as imagens possuem “autoria, tempo e agência”⁷ e devem ser analisadas da seguinte forma:

6 BERLIM, op.cit.,2006.

IZECKSOHN, Vitor. *Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão*. Rio de Janeiro: Topoi [online], 200.

7 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais*. Rio de Janeiro: Sociologia & antropologia, 2014, p. 394.

Não como reflexo, mas como produção de representações, costumes, percepções, e não como imagens fixas e presas a determinados temas ou contextos, mas como elementos que circulam, interpelam, negociam. Uso o termo representação, que tem com certeza uma larga tradição e merece uma série de concepções políticas, sociológicas, semióticas e estéticas, antes com o sentido que Mitchell (2009: 11) lhe conferiu de estar em lugar de e atuar por do que como coisa fixa e essencial.⁸

Sendo assim, uma das propostas aqui é apontar essas imagens como objetos de estudo que representam tanto a agência dos indivíduos representados, quanto a agência dos produtores dessas imagens e o que isso significa dentro dessa sociedade.

Pensando em uma metodologia no estudo de imagens para os historiadores, Pesavento (2008) elabora três fases da pesquisa. Nessas etapas, os historiadores devem se questionar acerca da obra que tem diante de si e “buscar na imagem as sensibilidades de uma época, expressas nas formas de imaginar e representar o mundo, sensibilidades essas que tornariam uma época diferente das demais.”⁹

A autora intitula a primeira fase do estudo como pré-figuração. É nesse momento que o historiador deve se questionar sobre a contextualização da obra. Delimita-se a historicidade perguntando quem, quando e onde. A segunda fase é a configuração. Nessa etapa, o foco do pesquisador se volta para a temática abordada na obra por intermédio de questões como a partir de onde surgiu o tema e a motivação do artista em elaborá-lo. Os elementos da ação dos personagens, dos materiais empregados e da trama são analisados nessa fase. A pós-figuração ou refiguração, terceira fase, é o momento em que se busca na “bagagem cultural”, elementos que possam ser comparados a obra e auxiliar na interpretação da mesma.

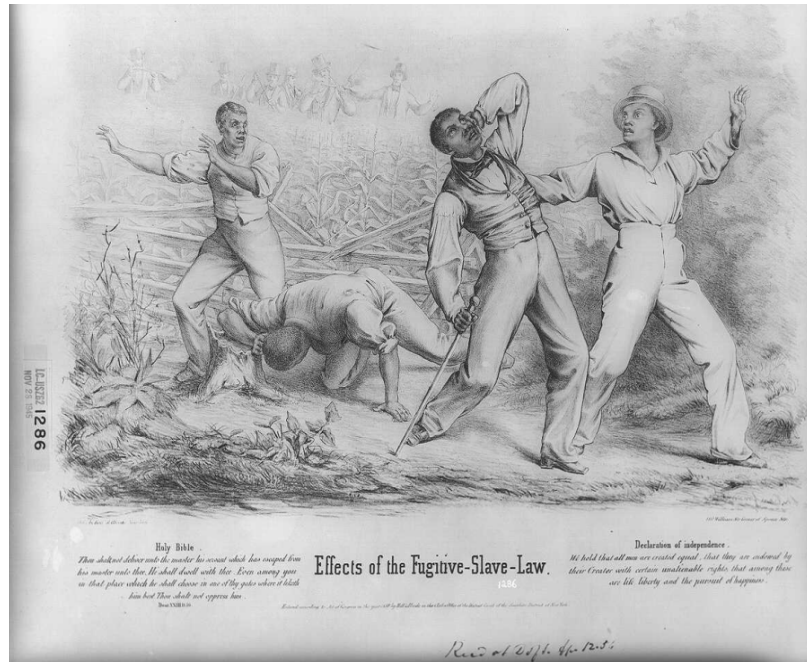
As charges que circulavam nos jornais norte-americanos do período pré e durante a Guerra de Secessão são uma fonte imagética de grande valor na análise de como essa sociedade estava reagindo às mudanças que estavam ocorrendo tanto no Norte quanto no Sul do país. As questões trazidas nas charges refletem tensões presentes desde a unificação dos EUA — um forte debate sobre os limites políticos que o governo deveria ter e a preservação da autonomia dos estados.

Análise das Charges

As quatro charges analisadas acompanham abaixo delas a legenda presente no site da Biblioteca do Congresso norte-americano, pois, elas trazem uma descrição da cena e os diálogos ilegíveis devido ao tamanho das charges. Devido à ausência de informações sobre os autores das Charges selecionadas, a análise na pré-figuração enfocou quando e onde as mesmas foram publicadas. Na configuração foram abordados os elementos presentes na imagem e na refiguração foi realizada a interpretação desses elementos a partir do contexto histórico em que a imagem foi produzida e que ela busca retratar.

8 SCHWARCZ, op.cit., p. 393.

9 PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O mundo da imagem: território da história cultural”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádya Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.). Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História cultural. Porto Alegre: Editora Asterístico, p. 114, 2008.



Charge 1. Efeitos da lei do escravo fugitivo, 1850. Fonte: Library of Congress. Effects of the Fugitive-Slave-Law.

Disponível em: <<https://www.loc.gov/pictures/item/2008661523/>>. **Acesso em:** 21 jun. 2017.

Legenda: “A imagem mostra um grupo de 4 homens negros - possivelmente livres - emboscados por 6 homens brancos armados em um milharal. Um dos homens brancos atirou neles, enquanto dois dos seus companheiros recarregam seus mosquetes. Dois dos negros claramente foram atingidos; um deles caiu enquanto o segundo cambaleia, segurando a parte de trás da sua cabeça sangrando. Primeiro texto do lado esquerdo, Trecho de Deuteronômio: “Não entregarás ao senhor seu servo que escapou de teu senhor. Ele habitará contigo. Até mesmo entre vós no lugar que ele escolher em uma das tuas portas, onde lhe parecer melhor. Não o oprimirás.” Segundo texto, no lado direito, Trecho da Declaração da Independência: “Consideramos que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais a vida, a liberdade e a busca da felicidade”. [tradução nossa]”¹⁰

A charge 1 foi publicada no ano de 1850 na cidade de Nova York - um dos estados do norte dos EUA -, portanto, ela está destinada aos leitores de um estado que tem a mão de obra livre como a principal força de trabalho. A um primeiro olhar, a imagem transmite ao leitor a sensação de estar diante de uma grande caçada por meio da posição em que os indivíduos se encontram. A inspiração do autor para elaborar essa caçada se encontra na criação e no amplo debate nos EUA sobre a Lei dos escravos fugitivos.

Por intermédio dessa lei, um senhor do Sul poderia reclamar por seus escravos e persegui-los nos estados do Norte, ou seja, os senhores do Sul teriam total autonomia em busca de suas “propriedades” em todo o território norte-americano. Com isso, os governantes do Norte perderiam o direito de decidir o destino dos que estavam em seu território. O que feria a autonomia dos estados

¹⁰ Legenda presente no Library of Congress. Effects of the Fugitive-Slave-Law. Disponível em: <<https://www.loc.gov/pictures/item/2008661523/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

do Norte. Outro fator presente nesta charge é a questão da autonomia dos Estados do Sul que acaba sendo desrespeitada pelo Norte ao fornecer abrigo e liberdade aos escravos fugitivos. Sendo os escravizados uma propriedade de seus senhores, ao dar abrigo aos que se encontravam em fuga, os nortistas estariam retirando aos donos o direito à sua posse. Drescher¹¹ chama a atenção para o fato da divisão política americana, que dava autonomia aos Estados quanto ao optar pelo modelo econômico escravista ou livre. Conforme o EUA foi se expandindo territorialmente e novos estados foram sendo incorporados à União a questão da representatividade dos Estados no Senado se tornou mais um motivo de tensão entre o norte e o sul. A anexação de parte do México ao território é um exemplo desta tensão, pois, ambos os lados não queriam ter menos representatividade junto ao senado. A luta pela emancipação era uma empreitada política, econômica e social.

Além disso, a charge se refere a importância do apelo religioso na formulação de uma moralidade cristã antiescravista. As citações a trechos na Bíblia se referindo a abrigar escravizados em fuga sendo associado a uma passagem da constituição pautam um discurso de direito dos habitantes do norte em abrigar os escravizados em fuga se assim desejassem. Aqui é importante ressaltar que o abolicionismo norte-americano não pregava de modo hegemônico uma igualdade entre negros e brancos, mas sim o fim da escravidão.



Charge 2. Como é a escravidão na América. Como é a escravidão na Inglaterra. 1850. D.C. Fonte: Library of Congress. Slavery as it exists in England. **Disponível em:** <<https://www.loc.gov/pictures/item/2008661524/>>. **Acesso em:** 21 jun. 2017.

Legenda: “Um desafio à visão abolicionista do norte da instituição da escravidão, contrastando favoravelmente as condições de vida dos escravos americanos (acima) com o lote dos pobres

11 DRESCHER, Seymond. *A sociedade civil e os caminhos para a abolição*. São Paulo: História (São Paulo), 2015.

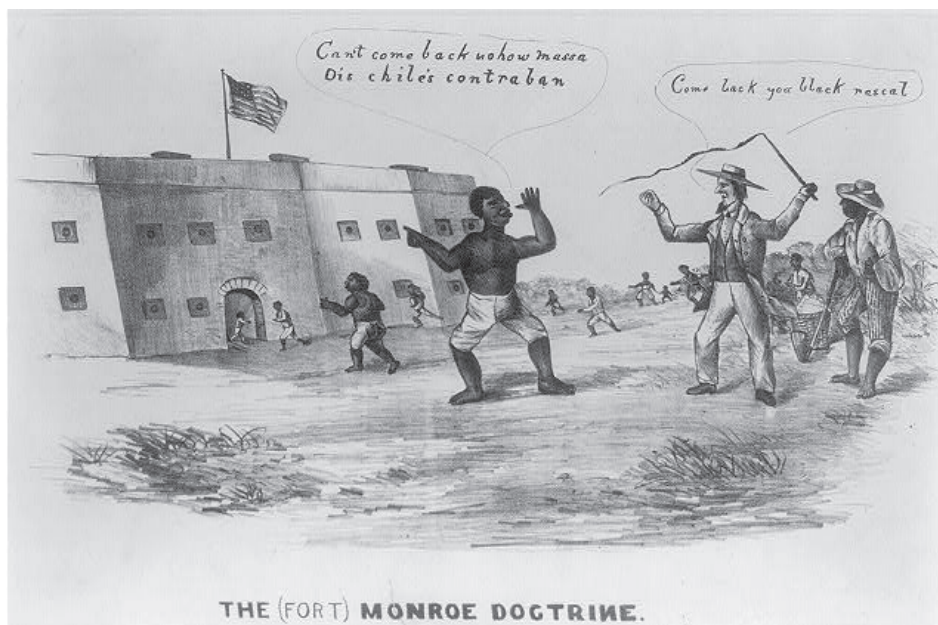
industriais na Inglaterra (abaixo). A primeira cena é incrivelmente ingênua: escravos do sul dançam e brincam como quatro cavalheiros - dois nortistas e dois sulistas - observam. Primeiro *Northerner* (equivalente a nortista): “É possível que nós, do Norte, tenhamos sido tão enganados por relatos falsos? Por que não visitamos o Sul antes de causarmos este problema entre o Norte e o Sul e tantos sentimentos duros entre nossos amigos em casa?” Sulista: “É como uma coisa geral, algumas poucas exceções, depois da minha ter feito uma certa quantidade de trabalho que eles terminam por 4 ou 5 P.M. Eu permitir que eles se divirtam de qualquer maneira razoável. Segundo Sulista: “Penso que os nossos Visitantes contarão uma História diferente quando regressarem ao Norte, os pensamentos desta União sendo dissolvida é uma coisa terrível a ser contemplada, mas temos de defender os nossos direitos com a consequência”. A segunda cena acontece fora de uma fábrica têxtil britânica. À esquerda, um cavalheiro bem vestido encontra uma figura áspera e curvada e pergunta: “Por que meu querido amigo, como é que você parece tão velho? Você sabe que éramos companheiros de brincadeiras quando meninos”. A figura abaixada responde: “Ah! Fazendeiro nós operários somos “homens rápidos”, e geralmente morremos de velhice em Quarenta.” Atrás deles e à direita uma mãe emaciada lamenta sobre seus filhos esfarrapados: “Oh, querida, que miseráveis escravos, esta vida de fábrica faz a mim e a meus filhos.” Perto está um gordo clérigo, segurando um livro de “Tythes” [dízimos], e um funcionário igualmente gordo segurando “Impostos”. No primeiro plano direito, dois jovens descalços conversam. O primeiro diz: “Eu digo Bill, vou fugir da Fábrica, e ir para as Minas de Carvão, onde eles têm que trabalhar apenas 14 horas por dia em vez de 17 como você faz aqui.” O segundo responde: “Oh, como eu gostaria de ter um lugar tão confortável ...” Perto deles, outro homem senta-se desamparado sobre uma rocha, “Graças a Deus, minha escravidão em fábricas logo terminará”. Na distância um campo militar é visível. [tradução nossa]¹²

A charge 2 foi publicada no ano de 1850 em Boston, Massachussets. Assim como a charge 1 ela foi publicada nos estados do Norte dos EUA. O local de publicação chama a atenção, pois na imagem temos uma comparação entre o modo como viviam os escravos sulistas e os trabalhadores fabris na Grã-Bretanha. O autor da charge buscou ressaltar que a situação de pobreza presente tanto na Inglaterra quanto no Norte dos EUA eram situações mais precárias que a situação dos escravos no Sul. Essa publicação deixa evidente que havia nesse período um movimento que buscava expor a escravidão enquanto uma boa forma de trabalho e que nem todos os nortistas eram favoráveis a emancipação dos escravos.

O diálogo entre os indivíduos na charge gira justamente em torno desse choque que um cavalheiro norte-americano recebe ao descobrir um ambiente completamente diferente do que ele esperava ao chegar no Sul. A cena que se apresenta para ele mostra escravizados que possuíam horas livres e estariam a cantar e dançar de uma “maneira razoável”, diferente do que ocorria com os trabalhadores das fábricas. Uma imagem romantizada de como a escravidão era um modelo ideal de trabalho que deveria perdurar.

Para além da mão de obra dos escravizados, a escravidão era responsável também por manter uma hierarquia social. Com ela, os brancos pobres sempre estariam acima de uma parcela da população, com o fim da escravidão e a conquista dos direitos civis, brancos pobres e negros estariam na mesma posição social possuindo a cor da pele como distinção. O status social não seria mais um fator diferenciador, como ocorria na escravização de negras e negros.

¹² Legenda presente no Library of Congress. Disponível em: <<https://www.loc.gov/pictures/item/2008661524/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.



Charge 3. A doutrina do Forte Monroe. 1861. Fonte: Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. Disponível em: <<http://www.loc.gov/pictures/collection/app/item/2008661634/>> . Acesso em: 21 jun. 2017.

Legenda: “Em 27 de maio de 1861, Benjamin Butler, comandante do exército da União na Virgínia e Carolina do Norte, decretou que os escravos que fugissem para as linhas da União eram “contrabando de guerra” legítimo e não estavam sujeitos a retornar aos seus proprietários confederados. A declaração precipitou dezenas de fugas para as linhas da União em torno da fortaleza Monroe, sede da Butler na Virgínia. Nesta caricatura grosseiramente desenhada, um escravo está diante do forte da União que insulta seu mestre de plantação. O plantador (à direita) acena o chicote e grita: “Volte, seu patife negro”. O escravo responde: “Não pode voltar de qualquer maneira contraban”. Hordas de outros escravos são vistos saindo dos campos e indo em direção ao forte. [tradução nossa]”¹³

Conforme a descrição presente na legenda, na charge número 3 temos uma representação de um fenômeno muito comum durante a Guerra de secessão que foi a fuga em massa dos escravos para os exércitos federalistas. A produção da charge no ano de 1861 foi motivada pela declaração do comandante do exército do Norte sobre a liberdade que os escravizados receberiam ao entrar nos fortes. De acordo com Drescher, “O conflito abriu as portas para que escravos voassem para a liberdade em números sem precedentes quando os exércitos da União rumaram para o Sul.”¹⁴.

A Guerra forneceu aos escravizados uma possibilidade palpável de alcançar a liberdade. As constantes fugas ressaltam a agência desses indivíduos escravizados. Eles atuaram ativamente pela sua emancipação.

À medida que os soldados da União entravam pelo Sul, seus comandantes tinham que lidar com a multidão de escravos fugitivos que chegava aos acampamentos. Muitos escravos, sentindo próxima a presença do exército escapavam das plantações ou das obras militares nas quais estavam envolvidos.

¹³ Legenda presente no site da Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. Disponível em: <<http://www.loc.gov/pictures/collection/app/item/2008661634/>> . Acesso em: 21 jun. 2017.

¹⁴ DRESCHER, Seymond. *A sociedade civil e os caminhos para a abolição*. São Paulo: História (São Paulo), 2015, p. 43.

Inicialmente a política oficial foi devolver esses indivíduos aos donos. Mas, a reação dos comandantes militares não era uniforme e as respostas acabavam dependendo mais das crenças individuais e das relações com os fugitivos do que da determinação de uma política específica para a situação¹⁵.

O trecho acima nos faz refletir acerca de três questões. A primeira é sobre a atuação dos escravizados que se lançaram em fuga para os fortes ao perceberem a possibilidade de liberdade com a aproximação dos exércitos do Norte. Na charge 3 temos o Forte Monroe, localizado na Virgínia¹⁶ e a representação dessa fuga. A segunda é sobre a mudança de atitude dos soldados da União que a princípio adotaram a política de devolver os escravos fugitivos e depois passaram a acolhê-los. Por fim, a terceira chama a atenção para o fato de que a causa abolicionista não era uma unanimidade entre os federalistas.

De acordo com Adam Goodheart, “*the fugitives who turned up at his own front gate seemed like a novel case [os fugitivos tornaram [o Forte Monroe] seu próprio portão de frente como em uma novela romântica*”¹⁷. Cabe ressaltar que essa fuga dos escravos, sob a luz da teoria da agência de Thompson¹⁸, pode ser interpretada como uma ação desses indivíduos que causa mudança nas vivências históricas. Sendo assim, esses indivíduos estariam construindo e modificando a sua própria realidade.



Charge 4. Carolina do Sul Topsey em uma correção. 1861. Fonte: Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. **Disponível em:** <<http://www.loc.gov/pictures/collection/app/item/2008661618/>>. **Acesso em:** 21 jun. 2017

Legenda: “A terceira na série “Caricaturas de dez centavos” de Thomas W. Strong publicada em princípios de 1861. Topsy, a criança escrava de Harriet Beecher Stowe, “A Cabana do Pai Tomás”, personifica o estado secessionista da Carolina do Sul. Uma senhora vestida elegante, Columbia, é baseada na senhorita Ophelia de Stowe, a spinster¹⁹ de Nova Inglaterra que tentou a educação moral da criança. Topsy parece arrependida nos degraus de uma varanda a frente de Columbia, que se senta em uma cadeira com uma bandeira americana em seu colo e um boné da liberdade atrás dela.

15 IZECKSOHN, Vitor. *Deportação ou integração. Os dilemas negros de Lincoln*. Rio de Janeiro: Topoi [online], 2010, p.65.

16 Estado localizado no Sul dos Estados Unidos.

17 GOODHEART, Adam. How Slavery Really Ended in America. 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/04/03/magazine/mag-03CivilWar-t.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em 14 de Jun. de 2017.

18 THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

19 Termo em inglês utilizado para se referir a uma mulher mais velha que nunca se casou ou namorou alguém.

No chão ao lado dela está uma águia calva. Colômbia mostra a bandeira a Topsy, indicando os furos em seu campo azul. Ela repreende-a: “Então, Topsey, você está no fundo desse trabalho perverso - escolhendo estrelas da bandeira sagrada! O que diriam seus antepassados, o que você acha? Novo superintendente, tio Abe [ou seja, presidente eleito Abraham Lincoln]. Ele vai consertar você!” “Topsy responde: “Nunca tive pai, nem mãe, nem nada! Eu fui criada por especuladores!” “Eu sou muito malvada, de qualquer maneira!” “O que me deixa assim?” Não sei, senhorita - porque eu sou tão perverso! “Atrás dela, outro escravo volta-se para descer os degraus, exclamando: - Entreguem-nos ao velho Abe, ei, Ize! Vários escravos assistem além no quintal. [tradução nossa]”²⁰

A charge 4 foi publicada no ano de 1861 no estado da Carolina do Sul e aponta os danos que o Sul vinha sofrendo com a Guerra de Secessão — simbolizado pelos danos a bandeira norte-americana. Interessante salientar que no diálogo há uma forte referência a Abraham Lincoln e aos escravos estarem vinculados a ele, pois, ele os “consertaria”. Na charge Lincoln aparece como um protetor dos escravos e como a pessoa responsável por resolver o impasse em torno da escravidão.

Refletir sobre o papel de Lincoln na abolição da escravidão nos EUA, inclui analisar as posturas que o presidente teve durante os embates em torno da questão. Vitor Izecksohn²¹ em *“Deportação ou integração. Os dilemas negros de Lincoln”*, aborda as mudanças na postura de Lincoln em relação à escravidão que vai de uma perspectiva favorável a deportação dos negros a uma postura próxima a integração. Apesar de adotar posturas diferentes, um objetivo permaneceu intacto: a preservação da unidade nacional. “O que eu faço a respeito da escravidão, e da raça negra [...] Eu faço porque acredito que isso salve a União; e naquilo em que eu me omito, me omito porque não acredito que isso ajude a salvar a União”²². A prioridade sempre foi manter a União e a questão escravista era um problema que precisava ser resolvido.

Lincoln baseava a sua ojeriza à escravidão na incompatibilidade daquela instituição com as doutrinas republicanas, tal como afirmadas pela Declaração de Independência. [...] Nosso progresso na degeneração parece ir de vento em popa. Iniciamo-nos como nação declarando que “todos os homens são criados iguais”. Atualmente, praticamente lemos que “todos os homens são criados iguais exceto os negros”. [Em breve] leremos que “todos os homens são criados iguais, excetos os negros, os estrangeiros e os católicos”²³.

O discurso de Lincoln deixa clara a visão que os brancos tinham acerca dos negros, mesmo os abolicionistas. A escravidão era um problema político, econômico e moral que precisava ser resolvido, mas os negros não eram vistos como pessoas iguais aos brancos, que deveriam ter os mesmos direitos e eram dotados da mesma capacidade. Tanto que mesmo com a emancipação, os indivíduos negros não obtiveram igualdade jurídica, a qual foi conquistada cerca de cem anos depois, fruto da luta e da resistência do movimento negro norte-americano. Além da questão racial, a colocação de Lincoln traz à tona o preconceito que os americanos tinham contra os imigrantes e católicos, deixando claro que negros, imigrantes das mais diversas origens e católicos não faziam parte do modelo ideal de Estado dos Estados Unidos da América. Sua fala abaixo, explicita o racismo presente na sociedade

20 Legenda presente no Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. Disponível em: <<http://www.loc.gov/pictures/collection/app/item/2008661618/>>. Acesso em: 21 jun. 2017

21 IZECKSOHN, Vitor. *Deportação ou integração. Os dilemas negros de Lincoln*. Rio de Janeiro: Topoi [online], 2010.

22 IZECKSOHN, Vitor. op cit, p.68.

23 IZECKSOHN, op.cit., p.63.

americana e reforça a ideia de que a questão da emancipação dos escravizados não era por elementos humanitários baseados na igualdade entre negros e brancos.

Não sou nem nunca fui favorável à igualdade social e política entre brancos e negros. Não sou e nunca fui a favor deles eleitores ou membros do júri, nem de qualificá-los para exercer empregos públicos, nem sou favorável aos casamentos inter-raciais com brancos; e direi, em adiantamento a isso, que existe uma diferença física entre as raças branca e negra que acredito impedirá para sempre que as duas raças vivam juntas em termos de igualdade social e política²⁴

Cabe por fim ressaltar que nessa charge temos a correção da jovem Topsey, personagem do romance *A Cabana do Pai Tomás*²⁵. Ao longo do livro, essa escravizada se mostra enquanto uma criança inquieta e que precisa de constantes correções para adotar um comportamento aceito pelos seus senhores. Na cena, enquanto a senhora foi desenhada com traços mais delicados e um ar exasperado brigando com a criança, Topsey foi desenhada de forma grosseira e demonstrando pavor e culpa em suas feições com grandes olhos esbugalhados.

Esses sentimentos atribuídos a imagem de Topsey reflete uma visão onde os escravizados seriam os culpados pelos males que vinham incorrendo nos estados do Sul. Diferente de Topsey, esse livro enfoca no Pai Tomás — senhor de idade, protagonista da história e um escravo religioso e dócil. Com o Pai Tomás, Harriet Stowe cria a imagem romantizada do escravizado resiliente disposto a passar por todas as situações que o patrão lhe imponha, incluindo ser vendido para trabalhar em plantações e sanar as dívidas que o patrão possuía. De acordo com Lincoln, a história do Pai Tomás e os sofrimentos pelos quais ele passa o comoveu em relação ao fim da escravidão.

Conclusão

Ao longo do trabalho buscamos salientar que a divergência entre o Norte e o Sul em relação ao regime econômico escravista foi um ponto central na Guerra de Secessão. Assim como as fugas em massa dos escravizados para os regimentos nortistas em busca da liberdade foi mais um fator que acirrou as divergências entre esses dois pólos de poder. Fugas que inicialmente não eram tão bem recebidas pelos exércitos federalistas, que devolviam os indivíduos aos senhores escravistas, mas que com o passar do tempo foram sendo aceitas por somar a causa.

Ao nível metodológico, buscamos aplicar a metodologia elaborada por uma autora brasileira — Sandra Pesavento. As charges discutidas acima expuseram como todas essas tensões podem ser lidas através dos recursos imagéticos e como as divergências Federalistas versus Confederados não eram essencialmente dicotômicas, mas sim divergências com uma certa plasticidade. No Norte eram publicadas charges que defendiam os ideais sulistas e soldados federalistas não viam com bons olhos a presença dos negros somando à guerra.

²⁴ IZECKSOHN, op. cit., p.63.

²⁵ Aclamado romance de Harriet Beecher Stowe, onde os escravos são representados de modo romantizado. De acordo com Hélio de Seixas Guimarães, esse romance teve ressonância significativa nas obras de autores, como Joaquim Manuel Macedo, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

A fuga para os exércitos da União expõe que a luta pela emancipação não foi construída apenas pelos abolicionistas do Norte, os escravos tiveram protagonismo na construção de sua própria liberdade, pois, lutaram contra a escravidão e resistiram a ela dentro das possibilidades que se apresentavam. Por fim, cabe salientar que a luta dos escravizados não se restringiu apenas a conquista da liberdade por meio da abolição. Os negros norte-americanos precisaram ir além em uma luta por cidadania e pela igualdade civil entre negros e brancos, já que a abolição não veio acompanhada pela conquista dos direitos iguais sob os olhos da lei.

Referências bibliográficas

Livros

STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do Pai Tomás*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Capítulo de livro

BERLIM, Ira. “Gerações de Liberdade” in: *Gerações de Cativo*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 289 – 318, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O mundo da imagem: território da história cultural”. in: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História cultural*. Porto Alegre: Editora Asterístico, p. 99 - 122, 2008.

Artigos de periódicos

DRESCHER, Seymond. *A sociedade civil e os caminhos para a abolição*. São Paulo: História (São Paulo) v. 34, n.2, p. 29-57, jul./dez. 2015.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Pai Tomás no romantismo brasileiro*. *Teresa - Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo: n. 12-13, p. 421 - 429, dec. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99408/97896>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

IZECKSOHN, Vitor. *Deportação ou integração. Os dilemas negros de Lincoln*. *Topoi* [online]. Rio de Janeiro: vol.11, n.20, pp.55-74, 2010.

IZECKSOHN, Vitor. *Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão*. *Topoi* [online]. Rio de Janeiro: vol.4, n.6, pp.47-81, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais*. *Sociologia & antropologia*, Rio de Janeiro: v.04, p. 391 - 431, out. 2014. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/sant/v4n2/2238-3875-sant-04-02-0391.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

Artigo de jornal

GOODHEART, Adam. *How Slavery Really Ended in America*. 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/04/03/magazine/mag-03CivilWar-t.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em 14 de Jun. de 2017.